



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

BENT: EIS QUE O TRIÂNGULO ROSA TORNA-SE CARMESIM

Sara Regina de Oliveira Lima
(Universidade Estadual do Piauí – saralima.r@hotmail.com)

Sislanne Felsan Cunha
(Universidade Federal do Piauí – sisfelsan@yahoo.com)

Resumo

No século XX, iniciou-se na Alemanha o nazismo com as ideias propagadas por Adolf Hitler que fundamentavam-se com características vinculadas ao radicalismo político nacionalista. Neste contexto, defendia-se a criação de uma sociedade alemã triunfante e suprema em raça baseando-se pelo princípio de higienização da pátria, no qual dentre os mais perseguidos podemos citar os judeus, ciganos, deficientes, negros, desafetos partidários e homossexuais. Uma vez que os filmes resgatam os acontecimentos da época e também reconstruem o clima vivenciado, este trabalho tem como objetivo discutir acerca da condição e dos dramas sofridos pelos homossexuais no período nazista representado no filme *Bent* (1997) dirigido por Sean Mathias. A elaboração deste artigo se deu a partir da necessidade de conhecermos a respeito da realidade enfrentada pelos homossexuais neste contexto histórico, na qual a análise do filme, assim como, as fontes bibliográficas, tais como Capelato (1995), Elídio (2010), Schwab e Brazda (2011), nos possibilitaram à ampliação de conhecimento a respeito da temática abordada.

Palavras-chaves: Nazismo, homossexuais, cinema.

Introdução

A elaboração deste artigo se deu a partir da necessidade de conhecer a respeito da abordagem de dogmas referentes à ideologia nazistas no filme *Bent* (1997). A análise do filme e o aparato teórico nos possibilitaram a ampliação do conhecimento a respeito do nazismo tanto no que diz respeito ao contexto histórico, quanto à condição degradante dos homossexuais nos campos de concentração.

A produção deste trabalho tem por objetivo refletir acerca das execuções, atrocidades e perseguição sofrida pelos homossexuais reforçados pelos dogmas de Hitler na Alemanha Nazista representados no filme já mencionado. Assim, foi realizada uma análise do conteúdo cinematográfico a fim de conhecermos mais sobre a realidade e tema estudado.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

Uma breve contextualização histórica.

Decorrente da Primeira Guerra Mundial, das suas mais diversas consequências ideológicas, perdas territoriais declaradas pelo tratado de Versalhes e da Crise de 29, entre os anos de 1939 a 1945 houve o maior conflito militar, entre a tríplice dos Aliados e o Eixo, conhecido como Segunda Guerra Mundial. Corroborando com a ideia, Capelato afirma:

Muito se insiste no fato de que o nazismo foi produto da Alemanha na Primeira Guerra Mundial: o Tratado de Versalhes estaria no coração do nazismo. Hitler, de fato, soube explorar bem os sentimentos de humilhação, impotência, insegurança do pós-guerra. Conquistou as massas e o poder porque foi sensível aos anseios do povo. Propôs, nesse momento da crise aguda, um projeto de domínio do mundo pela raça ariana. (CAPELATO, 1995 p. 86).

Com o intuito de barrar o crescimento partidário oposto e forjado pelo expansionismo e dominação, inicia-se na Alemanha o nazismo que era uma abreviatura do nome do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, e o mesmo tinha como característica principal o radicalismo político autoritário nacionalista. Faria (2010) ao descrever as principais características desta corrente política nos mostra ainda o nacionalismo extremado, o militarismo, a propaganda como forma de manipulação das massas, o combate ao liberalismo e a intervenção do Estado na economia com o capitalismo de estado. De tal maneira, Hitler passou então a defender e propagar uma Alemanha forte e suprema em raça baseando-se pelo princípio de higienização da pátria.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

Numa sociedade cheia de descontentamentos, o nazismo oferece um ideal revolucionário que tem por base a comunidade racial germânica. Num mundo incerto, ele busca certezas no passado, a revolução promete a criação do Homem Novo – ariano – contra seus corruptores: judeus e outros. (CAPELATO, 1995 p. 86)

A raça alemã que nas propagandas nazistas deveria expandir-se tornando-se imbatível, alimentava o anseio de todos que pretendiam, por meio de uma conduta irrepreensível, ver a sua nação crescendo e dominando novamente. A questão de honra para aquela sociedade desafiou os princípios de direitos humanos e uma vez que a dominação cultural, social e política era regida rigorosamente pelo caráter controlador. Para Faria (2010), a Alemanha estava sendo moldada de maneira plausível por Hitler, um homem de personalidade enigmática, descrito por muitos como louco, gênio, possesso, criminoso e um tanto contraditório.

Dentre os horrores da guerra, Elídio (2010, p. 4) destaca que “o genocídio nazista foi uma das grandes catástrofes que marcaram o século XX. Entre os grupos perseguidos e assassinados estavam os homossexuais”, assim, podemos destacar o sofrimento e perseguição que os homossexuais sofreram por não se encaixarem nos padrões vigentes daquela sociedade. Os mesmos vitimados no maior holocausto que a humanidade já presenciou, não eram, necessariamente, somente os judeus.

No século XIX, antes do estopim nazista, no Código Criminal a homossexualidade era determinada como uma prática criminosa passível de punições descrita no parágrafo 174 da conduta germânica. No entanto, a severidade relativa à punição e à tentativa de regenerar estes indivíduos de seus “males” e padrões “imorais”, estaria prestes a dissipar milhares de vidas nos campos de concentração com advinda política nacional socialista, pois “[...] os homossexuais, vistos como degenerados, eram um dos principais alvos dessa política de controle.” (ELÍDIO, 2010, p.29).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

Contrariando os ideais daquela sociedade, um dos principais motivos para perseguição e excursão destes homens foi a crença na propagação biológica dos corpos e da sexualidade. Assim, o biopoder constituía a procriação que, por sua vez, não é viável, por meio natural, nas relações afetivas homossexuais. Como afirma Foucault (1999, p. 309):

Poder disciplinar, biopoder: tudo isso percorreu, sustentou a muque a sociedade nazista (assunção do biológico, da procriação, da hereditariedade; assunção também da doença, dos acidentes). Não há sociedade a um só tempo mais disciplinar e mais previdenciária do que a que foi implantada, ou em todo caso projetada, pelos nazistas. O controle das eventualidades próprias dos processos biológicos era um dos objetivos imediatos do regime.

Desta forma, a patologização da homossexualidade levou o governo nazista a uma tentativa de reeducação sexual e reabilitação dos seres por eles considerados “anormais”, “doentes mentais”, “depravados”, etc. “Além disso, o regime de Hitler também fazia uso de experimentos científicos, a fim de descobrir a origem desses “males” e “desvios” e a busca de uma possível cura.” (ELÍDIO, 2010, p. 33).

Metodologia

O presente trabalho caracteriza-se em uma pesquisa exploratória feita a partir da análise do filme *Bent* (1997). Para realização da análise, utilizamos como aparato teórico diferentes autores, tais como Capelato (1995), Elídio (2010), Schwab e Brazda (2011), dentre outros que tecem a respeito do tema aqui discorrido. Para coleta de dados, realizamos consultamos no meio virtual buscando informações a respeito da existência de filmes que abordassem a temática desejada, uma vez que nossa pesquisa



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

busca abordar as mazelas vividas pelos homossexuais em materiais cinematográficos referentes ao nazismo.

Resultados e discussão: Análise crítica do filme *Bent* (1997)

Bent (1997) é um filme escrito pelo dramaturgo Martin Sharman e dirigido por Sean Mathias que contextualiza o sofrimento dos homossexuais no período do nazismo na Alemanha. O enredo inicia-se na cidade de Berlim com um espetáculo de travesti em um bar, *Greta's nightclub*, frequentado principalmente por homossexuais, dentre eles temos Max, o personagem principal, Rudy, seu companheiro, Karl Enerst, soldado do exército nazista, Greta, dono do bar, dentre outros. Logo nas primeiras cenas, podemos perceber como era a vida noturna dos homossexuais naquela época mesmo com a proibição prevista por lei da prática sexual entre dois homens.

No início do século XX, por exemplo, Berlim, na Alemanha, era uma capital moderna, com uma enorme agitação cultural e noturna. Em 1920, com seus quatro milhões de habitantes, o que a qualificava como a capital mais povoada da Europa, era uma cidade que proporcionava uma liberdade muito grande, especialmente para os homossexuais, que possuíam diversas opções de divertimento. Em 1933, a título de ilustração, o número de bares gays da cidade era de 130. (ELÍDIO, 2010, p. 18).

Na manhã seguinte, um soldado nazista é degolado, na casa de Max e Rudy, após se envolver sexualmente com Max. A cena faz referência à conhecida “Noite das Facas longas” liderada por Adolf Hitler com o objetivo de matar todos ligados ao seu



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

exército e partido que estivesse envolvido com a homossexualidade, no qual, dentre estes estava o oficial Enert Rohn. Nesta perspectiva, Elídio (2010, p. 24) nos mostra que este acontecimento influenciou drasticamente a perseguição e violência contra os homossexuais.

Além do Parágrafo 175, um acontecimento contribuiu significativamente para a perseguição aos homossexuais, a “Noite das Facas Longas”, que aconteceu na noite de 30 de junho para 1 de julho de 1934, quando o oficial nazista Ernst Röhm, chefe da milícia paramilitar SA, foi assassinado brutalmente juntamente com outros membros do grupo pelos homens da SS, que seguiam ordens de Hitler. Tal episódio ficou assim conhecido devido a um verso de uma canção da SA cujo assunto principal eram massacres. Röhm era homossexual assumido e um dos principais nomes do Partido Nacional Socialista.

Ao fugirem, Max e Rudy encontram Greta e seguem até o centro da cidade. Na conversa que os mesmos tiveram no caminho, Greta revela o real sentido da morte da Enerst, até então desconhecida ao casal, e alerta que eles fujam o mais breve possível. Numa tentativa desesperada, Max encontrasse com seu tio Freddie que nega as duas passagens para Amsterdam sugeridas pelo sobrinho. Frustrado, Max encontrasse com o seu parceiro na floresta onde eles estavam escondidos sem saber que a perseguição estava próxima. Para Elídio (2010), neste período iniciou-se uma verdadeira caça a todos os seres considerados “pervertidos” e “aberrantes”, ou seja, todos os homossexuais da cidade.

Ao serem capturados, os personagens são levados para um trem com destino ao campo de concentração em Dachau, que de acordo com Quinn (1945) seria o primeiro campo de concentração na Alemanha.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

DACHAU, 1933 – 1945, Will stand for all time as one of history's most gruesome symbols of inhumanity. There our troops found sights, sounds and stench horrible beyond belief, cruelties so enormous as to be incomprehensible to the normal mind. DACHAU and death were synonymous. (QUINN, 1945, p. 4).¹

Vezevyan (2009) em sua tese esclarece que cerca de 15 mil homossexuais masculinos foram vítimas do genocídio nazista. Entre os métodos utilizados eram comuns os massacres, execuções, câmara de gás, tortura, confinamentos, além de violência sexual sofrida por mulher, bem como homens. A morte de Rudy, na longa viagem, aborda claramente esta realidade, pois o mesmo foi brutalmente torturado e assassinado, e Max forçado a espancá-lo e a provar a sua virilidade, além de ter que usar a estrela amarela ao invés do triângulo rosa, e ser obrigado a estuprar uma garota na frente dos *gestapos* ali presentes.

O filme também é expressivo ao relatar e revelar a simbologia e as cores utilizadas pelos prisioneiros no regime. Nas cenas ainda da viagem, Max conhece Horst, que diferentemente dos judeus ali presentes, utilizava um triângulo rosa no seu pijama listrado. Horst então explica que a estrela amarela caracterizava o povo judeu, o triângulo vermelho seria para os desafetos políticos, o verde para os criminosos e o rosa para os homossexuais cujo mesmo seria o *status* mais baixo de todos. De acordo com Elídio, “o sistema de classificações, a taxonomia de cores, os triângulos e os signos

¹ Tradução nossa: Dachau, (1933 – 1945) permanecerá para sempre como um dos símbolos mais terríveis da história da desumanidade. Lá, as nossas tropas encontraram imagens, sons e odores horríveis, além do inacreditável, crueldades tão grandes a ponto de ser incompreensível para a uma mente normal. DACHAU e morte eram sinônimos.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

distintos eram elementos decisivos para a configuração de classes sociais nos campos.” (2010, p. 26).

Max ao receber a sua identificação pelo símbolo opta pela estrela, pois o mesmo era judeu e não queria usar a simbologia mais baixa. Assim, podemos perceber que Max queria se desunir do triângulo rosa no campo tendo em vista, as dificuldades que ali enfrentaria tanto com os guardas e oficiais, quanto com os próprios prisioneiros. “Como consequência dessa dificuldade, temos também presente a vergonha de si e a vontade de se dissociar, de mostrar que não somos daqueles de quem se pode rir ou daqueles que podem ser objetos de insultos.” (ELÍDIO, 2010, p. 41). E além dessa dissociação e ainda atrelado à vergonha, analisando o personagem, podemos destacar uma auto-repressão vivida por ele, pois com o intuito de sair vivo do campo, o mesmo ao negar a sua identidade sexual reprime-a de modo a ocultá-la e dissimulá-la em várias cenas, o que para Chauí (1984) seria um tipo de repressão e uma imposição interior de proibição e interdições externas.

Em *Bent*, os homossexuais são taxados de “pervertidos” pelos oficiais. Percebemos, pois, que ao ostentar o triângulo rosa, Horst carrega em si muitos estereótipos sexuais enraizados na sociedade da época. Tais estereótipos podem ser caracterizados pela repressão sexual que de acordo com Chauí (1984, p.10) “pode ser considerada como um conjunto de interdições, permissões, normas, valores, regras estabelecidas histórica e culturalmente para controlar o exercício da sexualidade”. Desta maneira, o conteúdo cinematográfico representa os homossexuais como pessoas reprimidas sexualmente naquele contexto histórico.

Acreditando na cura dos desvios sexuais, os campos também foram uma espécie de laboratório cujos homossexuais serviam como cobaias humanas. Schwab e Brazda (2011) ao descreverem o testemunho do último sobrevivente homossexual de Buchenwald, Rudolf Brazda, denunciam o médico Carl Vaerner e o implante de uma



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

glândula artificial na virilha do sujeito homossexual para liberação de hormônios com efeitos positivos sobre as preferências sexuais dos mesmos.

Além de sofrerem diversas agressões dos membros do exército nazista, os homossexuais ainda sofriam escárnio da parte dos próprios presos do campo, como podemos observar no filme relatado, pois ao ser hostilizado e sofrer injúrias na fila do banho, Horst depara-se com a intolerância e normatização sexual que existia também dentro dos campos. Apesar de todas as dificuldades, Horst sempre se orgulhava de utilizar o triângulo rosa e incomodava-se pelo fato de Max não aceitar usá-la tendendo em vista o significado e a carga ideológica que aquele símbolo causava.

O suicídio também se constitui em ponto para análise e discussão no filme. Horst em uma de suas conversas com Max comenta a respeito de um homem que teria se suicidado na noite anterior no barracão onde dormiam. No diálogo, o personagem revela que tal atitude provocava descontentamento nos oficiais, pois este ato significava uma resistência frente às situações vividas pelas vítimas nos campos de extermínio. Essa tal resistência é abordada por Poggi (2007) como passiva, pois ela não é pautada na imposição de forças diferenciando-se do cunho violento e agressivo frente ao opositor. Para a autora, o suicídio assim como as greves de fome, cujo segundo exemplo foi feito pelo personagem Horst, eram

[...] formas de escolher quando e como morrer. Uma clara demonstração de autonomia do sujeito sobre si mesmo, nunca tolerada ou admitida pelos alemães. Esses alimentavam os grevistas, à força, no intuito de tirar-lhes o poder de escolha sobre a própria morte. Tal atitude era considerada verdadeira insolência, posto que ignorava o papel dos alemães como ditadores últimos do destino das vidas no campo. (POGGI, 2007, p. 12).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

Outro fator abordado por Elídio (2010) seria o fato de que os prisioneiros homossexuais eram obrigados a desenvolver os trabalhos mais penosos e desgastantes nos campos em virtude a uma falsa “reeducação”. Desta forma, em Dachau, Max e Horst são obrigados a trabalhar exaustivas 12 horas por dia com descanso de apenas 3 minutos. Os mesmos carregavam e moviam pilhas de pedras de um lado para o outro, repetidas vezes e em virtude deste trabalho pesado, das condições de saúde e higiene precárias, e uma má alimentação, Horst a cada dia ficava mais doente e debilitado.

Ao ver o seu companheiro em uma situação cada vez pior, fator também influenciado com a chegada do inverno, no qual os dois são obrigados a carregar neve de um lado para o outro, Max decide ir ao capitão pedir medicamentos em troca de favores sexuais. Ao falar a respeito destes tais favores podemos fomentar a discussão a respeito da sexualidade nos campos. Em sua experiência no campo de Buchenwald, Rudolf Brazda (2011) salienta as práticas sexuais primeiramente vivenciadas apenas entre homens que não necessariamente estava relacionada a uma orientação sexual e posteriormente relações com mulheres. Ao abordar a temática, o autor deixa explícito também os abusos dos superiores e os detentos, assim como, o comportamento sexual como forma de sobrevivência.

Os prisioneiros estavam amontoados em um campo que em 1942 ainda não tinha nenhuma mulher. Essa promiscuidade imposta, à qual se somava a impossibilidade dos presos de levar uma vida sexual normal, pode explicar as práticas homossexuais entre alguns para os quais eles seriam inconcebíveis em circunstâncias normais de vida. Para os detentos cuja libido não havia sido tolhida pelas rudes condições, o desejo sexual podia ser satisfeito com colegas do mesmo sexo. (SCHWAB, BRAZDA, 2011, p. 134).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

Dias depois, ao transitar pelo campo, o capitão resolve verificar se Max está melhor, mas ao avistar os dois parceiros, percebe que os medicamentos não seriam para ele. Então o oficial decide matar Horst, o que conseqüentemente leva Max a cometer suicídio. Assim, após enterrar seu parceiro, Max veste o uniforme do mesmo que continha o triângulo rosa e suicida-se na cerca elétrica que delimitava as extensões do campo. Desta forma, Max deixa de posicionar-se de forma negativa com relação a sua sexualidade e passa a aceitar a sua orientação sexual, ou seja, o personagem rompe com as fronteiras de sua fragilidade emocional, do medo da discriminação dentro do campo e principalmente com o seu próprio preconceito.

Conclusão

Uma vez que os filmes são matérias que tendem a representar contextos reais e vividos com referência a um determinado contexto histórico, o filme *Bent* (1997) representa uma realidade não apenas física dos campos de concentração, mas um constructo ideológico que permite o espectador imergir-se na história vivida pelos homossexuais na Alemanha nazista.

Observamos ao logo do trabalho e da análise do material cinematográfico, que o mesmo constitui-se em uma fonte rica para discussão dos aspectos relevantes à simbologia, repressão, perseguição em detrimento das ideologias de Hitler propagadas no seio da sociedade Alemã. Assim, sendo o filme uma forma de estudarmos e lembrarmos os aspectos sociais, ideológicos, culturais, políticos daquela época, a discussão do mesmo e os embasamentos teóricos, nos possibilitaram um amadurecimento intelectual frente ao tema e às questões discorridas ao longo do trabalho, que possivelmente servirão como referência a futuros estudos e pesquisas.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

Referências

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **O nazismo e a produção da guerra**. Revista USP, São Paulo, 1995. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/26/08-mariahelena-100.pdf>>

CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual: essa nossa (des)conhecida**. São Paulo – SP, Editora Brasiliense S.A. 1984.

ELÍDIO, Tiago. **A perseguição nazista aos homossexuais: o testemunho de um dos esquecidos da memória** / Tiago Elídio da Silva. -- Campinas, SP : [s.n.], 2010.

FARIA, Estela de Melo. Os signos por trás da ideologia: simbologia nazista. 2011. [Acesso: 24/01/15] Disponível em: <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=393#_ftn1>

MICHAEL, Foucault. **Em defesa da sociedade**. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

POGGI, Tatiana. Revoltas e sociabilidades em campos de extermínio. Revista Outros tempos, ISSN: 1808-8031, Dossiê História e Política, Vol. 1, esp, 2007. [acesso: 03/02/15] Disponível em: <<http://www.outrostempos.uema.br>>

QUINN, William W. **Dachau**. 1945 [Acesso: 24/01/2015] Disponível em <<https://www.fas.org/irp/agency/army/dachau.pdf>>

SCHWAB, Jean-Luc, Triângulo rosa: um homossexual no campo de concentração nazista / Rudolf Brazda; [tradução Ângela Cristina Salgueiro Marques]. – São Paulo: Mescla, 2011.

VEZNEYAN, Sérgio. **Genocídios no século XX: uma leitura sistêmica de causa e consequências**. 2009. 2v. tese: Programa de Pós Graduação em Psicologia Social, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.